

CERJ Boletim

Ano70 - Número 629 - Julho de 2008

Impresso



Tião na Passagem dos olhos / Foto de Larissa Neli e Manoel Bernardo

Editorial



Expediente 2008

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente:

Luiz Antônio Puppim

Secretário:

José de Oliveira Barros

Tesoureiros:

1- Mônica Esteves

2- Gabriela Melo

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Rafael Villaça

Daniel Schulz

Diretora Social:

Liane Leobons

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação:

Elma Porto

Conselho Deliberativo:

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Membros efetivos

Carlos Carozino

Gustavo Iribarne

Maria Aparecida (Cida) Gama

Boletim informativo do CERJ

Diagramação: Roberto Metri

Os artigos assinados não representam, necessariamente, a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

EDITORIAL

A IMPORTÂNCIA DA CONCENTRAÇÃO DE ATIVIDADES DE MONTANHA NUMA MESMA REGIÃO.

Além das Aberturas de Temporadas de Montanhismo, os clubes adotaram as grandes concentrações do seu pessoal em eventos ao longo do ano. Essa prática tem sido muito importante para uma maior integração e conagração de seus membros.

As chamadas “invasões” são atividades bem democráticas, que permitem a participação de grandes e variados grupos. No CERJ essas atividades são sinônimos de pura diversão, que ao término das mesmas, se inicia um novo estágio, que é o de contar os “causos” acontecidos nas escaladas e/ou caminhadas.

No evento de Itacoatiara não poderia ser diferente. Escaladas e caminhadas e depois um grande churrasco de confraternização e de comemoração ao lançamento do Guia de Escaladas de Niterói, cujo Autor é o nosso querido Leo Nobre, Presidente do CNM – Clube Niteroiense de Montanhismo.

Parabéns ao Leo, à nossa Diretora Social Liane e Equipe de Apoio e a todo Povo que compareceu à mais um grande evento do nosso CERJ e Co-irmãos CNM e CEG.

Rio de Janeiro, 25 de junho de 2008.

José Carlos Muniz Moreira

Presidente do CERJ

Programação

Data	Atividade	Local	Tipo	Reponsável
01.07	Segurança no Montanhismo	Sede do CERJ	Mesa-redonda	Departamento Técnico
05.07	Pedra da Gávea	PNT	Caminhada semi-pesada com lance de escalada de 1º grau	Muniz
05.07	Passagem dos Olhos Pedra da Gávea	PNT	Escalada 2º II sup	Rafael e Zé
06.07	Mutirão de Reflorestamento	Pão de Açúcar	Atividade Ecológica	Sávio
12.07	Festa Junina	Sítio do Pierre Pedra Aguda	Social	Diretoria Social
18.07	Pico do Eco e Travessia Eco x Morro da Bandeira x Isabeloca	PNSO	Caminhada pesada com acampamento (dias 18 a 20)	JP
20.07	Dedo de Nossa Senhora	PNSO	Caminhada leve superior com artificial	Puppín
03.08	Mutirão de Reflorestamento	Pão de Açúcar	Atividade Ecológica	Sávio



Aniversariantes



Julho

02 – Carlos Alberto Mangueira
 03 – Miriam Gerber
 04 – Jana Ribeiro Menezes
 - Mônica Ferreira Dias
 06 – Natanael de Oliveira
 07 – José de Oliveira Barros
 - André Luiz Paz Vieira
 09 – Ricardo Melo Marins
 12 – Emanuel Nunes Silva
 - Rodrigo Demutti

14 – Saulo Andrade de Araújo
 16 – Silvia Schiavo
 - Victor Weyrauch
 19 – Marina de Sá Barboza
 20 – Marcelo Rousselet Paulino
 23 – José Sebastião Lopes da Silva
 - Reynaldo Pires Ferreira
 25 – Nino Lopes
 - Renato José Sobral Pinto
 28 – Helio José Paz

Conquista



Neste mês de junho, fui para Ferros participar de uma atividade montanhística com o pessoal do Centro Excursionista Mineiro. O local, uma linda fazenda pertencente ao montanhista Antônio Carlos Magalhães, com mais de 40 vias abertas variando de graus e tamanhos, ou seja, para todos os gostos, com uma caminhada de 20 minutos. Que beleza.

Escalamos na sexta-feira, onde fiz, entre outras, a via que o Gustavo Carrozzino e o Tônico conquistaram em homenagem ao Jair Lourenço, chamada Paredão São Lourenço. Que emoção.

No sábado fomos os três para uma parede que lembra em muito o nosso Babilônia e fizemos a conquista de uma via a qual chamamos de VALEU PAPITO. Nome este em homenagem a minha primeira passagem por aquelas paradas, já que quando fiz com o meu outro filho, o Paulo, o Caminho Inca, a galera me chamava de Papito, por ser o mais velho da turma.

A via com lances de aderência e agarra tem aproximadamente 80 mts com a classificação de 3° IV E2 D1 e foram consumidos 10 grampos de inox de ½ p.

Quero aqui registrar a grande acolhida que tive por parte do Tônico em sua propriedade e agradecer aos céus por mais esta oportunidade que Ele me deu em participar de uma conquista com o meu amado filho.

Como diz o meu ZÉ – TEM QUE MERECER

Carrozzino (na 3ª idade)



Carró, Antonio Carlos e Xaxá

“Escalamos na sexta-feira, onde fiz, entre outras, a via que o Gustavo Carrozzino e o Tônico conquistaram em homenagem ao Jair Lourenço, chamada Paredão São Lourenço. Que emoção.”



Como faço todos os anos, desde minha época do Carioca, abri no CERJ mais uma Travessia de um dia. A novidade é que também abri esta prancheta no Guanabara, clube que agora também faço parte. Para variar um pouco, escolhi o trajeto Teresópolis x Petrópolis.

Sábado, 07 de junho...o dia promete. Eramos eu, Zé, Velho, Dany Boy, Maia, Sebá e Éder pelo CERJ e Aline, Marcinha e Luis Alberto pelo Guanabara. Saímos da Urca as 6:15 da manhã parando pra tomar café no Posto Garrafão, onde encontramos com o

pessoal do Escalavrado. Muitos reclamam, mas a verdade é que o CERJ está pra tudo qualquer lado. Muito bom. Entramos no Parque sem problemas é as 8:40 hs iniciamos nossa jornada. Com 2:40 hs de caminhada chegávamos no Abrigo 4, excelente tempo. Parodiando o Zé: "Eta turminha boa!"

O tempo deu uma fechada, mas não o suficiente para atrapalhar o visual. Bom porque não caminhamos debaixo do sol. Sob muitas brincadeiras de rixas entre os clubes e várias gargalhadas, os obstáculos foram sendo superados: Cavalinho, Antas, Elevador, Luva, Marco. Chegamos aos Castelos do Açú as 16:

15 horas já começando a bater um cansaço. Bom, agora é só pra baixo...aí meus joelhos!

Fomos brindados no Chapadão por um indescritível por do sol, onde ele brincava de se esconder entre as nuvens e tendo como espectadores, além de nós é claro, Maria Comprida, Alcobaça e Mãe D'Água, Congonhas e toda a Serra Petropolitana – que brinde de fim de Travessia.

Do Ajax pra baixo foi a luz de lanternas. O astral continuava alto. Findamos a Travessia as 19:15 hs. Caminhamos mais um pouco pela estrada até encontrarmos com o Gabriel e sua Van. Conforme havíamos combinado, ele nos esperava com duas caixas de cerveja Itaipava geladíssimas! Sob a noite e a alegria de ter

feito algo tão legal, brindamos por esse dia de montanhas e amigos.

De volta pra Urca, a van se tornou um pequeno boteco móvel, onde todos tomávamos cervejinha e degustando o que sobrara de comida de nossas mochilas...um luxo.

Ano que vem tem mais.



Toda a galera da travessia no Abrigo 4

Não custa ter em mente os fatos que aconteceram no Babilônia.

Flávio Daflon é Guia respeitado e os seus relatos devem ser observados com atenção, principalmente este.

João Mollica

Acidente no Babilônia

por Flávio Daflon

Fiz um relato do que eu vi na sexta, 30 de maio, no Babilônia. Como escrevo no final, espero que sirva de alerta para todos nós.

Eu havia dado uma aula, um top rope, e estava saindo do Babilônia por volta das 13 horas. No estacionamento dos funcionários do Pão de Açúcar vi alguns turistas apontando para o Babilônia e dizendo que alguém caiu. Não levei a sério até ver o senhor que trabalha na estação correndo e falando em bombeiros. Nessa hora olhei para a parede e vi um escalador na metade do Reinaldo Behnken e outros dois pendurados, juntos, entre o Entropia e o Reinaldo Behnken, a 20 metros do chão. Dali já deu pra ver que a coisa era séria. A primeira coisa que me veio a cabeça é que eles estavam precisando de ajuda e voltei a entrar no Babilônia. Na

portaria o senhor já estava chamando os bombeiros então eu liguei pra Cintia em casa e pedi que ela ligasse para os guias da Aguiperj para descobrir se alguém estava próximo.

Quando cheguei na base haviam dois escaladores que eu não conheço. Como eles não tinham tomado nenhuma iniciativa em subir eu pedi corda, costuras e fitas a eles, já que estava com pouco equipamento por causa da aula de top rope. Um deles me deu segurança e eu subi pela Reinaldo Behnken. Nesta hora ainda não havia chovido. Subi na Reinaldo mais alto que os meninos que haviam caído já que queria descer em diagonal até chegar onde estavam. Para descer fixei a minha corda, não aquela que peguei emprestada e tinha usado para guiar.

Chegando neles a cena era chocante. O Marcos estava inconsciente e o Julio coberto de sangue, a cabeça aberta e uma fratura exposta no tornozelo. Os dois estavam sem capacete e com as cordas bastante enroladas neles. A primeira coisa que fiz foi prender os dois em mim, pois se já caíram até ali poderiam cair ainda até o chão. Não sabia onde a corda deles estava presa. Gritei para o escalador que eu via, cerca de uma enfiada acima, perguntando se as cordas estavam fixas. Não consegui descobrir qual delas estava fixa e qual estava solta. Depois ele me gritou que a colorida estava fixa e eu preendi os dois nesta corda também através de prusiks.

Eu falava pro Julio que estava tudo bem

e que ia ajudá-los a descer. Ele dizia que estava mal, olhava para a fratura no pé, e queria descer. No rosto dele só dentro dos olhos não havia sangue. Ao redor havia material deles espalhados, uma mochila suja de sangue, um chinelo e outras coisas.

Mesmo assim imaginei que o Julio não estivesse tão mal já que pareceu bastante consciente. Com eles presos fui dar uma olhada no Marcos (os nomes soube bem depois) que estava com o rosto para baixo tampado em parte por um dos braços. Não consegui afastar seu braço, pois estava enroscado com as cordas. Foi tentando abrir espaço para que ele ficasse numa posição mais cômoda (lembrando dos cursos de primeiros socorros) e pudesse ter as vias aéreas desobstruídas - já que estava inconsciente - que eu gelei ao ver como uma corda passando por dentro de um mosquetão estava absurdamente apertada em sua nuca, puxando inclusive a pele para dentro do mosquetão. O pavor me veio. Imaginei que poderia estar sem respirar. Não tenho certeza disso. Falaram que ele ficou enforcado. Também não tenho certeza disso. Não verifiquei o quanto aquele pedaço de corda apertava, ou se apertava sua garganta. O braço com três ou quatro voltas de corda enroscada próximo a cabeça não davam espaço. Eu nem quis ver. Tentei afrouxar a corda, tentei desclipar o mosquetão que tencionava a corda, cheguei a tentar puxar ele para cima pelo loop do baudrier. Não havia um mínimo platô, era tudo vertical. Cheguei até a pedir pro Julio me ajudar, mas é claro que ele não podia. Na tentativa de liberar o Marcos meus movimentos

incomodavam o Julio que gritava de dor.

Foi nessa hora que eu vi os bombeiros na base. Gritei por helicóptero. Um dos bombeiros me disse que ele não chegaria ou iria demorar. Gritei por uma faca, disse que a corda estava no pescoço do Marcos. No nervosismo esqueci que eu havia escalado com minha mochila nas costas, justamente porque dentro dela tinha um estojo de 1° socorros. Nem passou pela minha cabeça que estava com a mochila e que dentro do estojo havia uma lâmina.

De qualquer forma o bombeiro amarrou prontamente uma faca na minha corda e assim cortei a corda acima do pescoço do Marcos, lembro de antes ter verificado se realmente tinha prendido ele. Não lembro se foi preciso cortar mais algum pedaço para liberar o braço. Mesmo assim Marcos continuou inconsciente. A primeira coisa que pensei foi em descer com ele para deixá-lo na mão dos bombeiros, talvez ele precisasse de reanimação. Sabia que nesse caso o tempo era decisivo. Verifiquei de novo se ele estava preso em mim e cortei tudo que o prendia. Cortei as cordas algumas vezes porque sempre tinha alguma coisa que o prendia. A última corda cortada lembro que foi difícil, não estava tencionada e o peso do Marcos já me puxava para baixo. Com ele inconsciente seu tronco e a cabeça ficaram soltos para baixo com o seu baudrier preso ao meu loop. Não me sobrou fita para passar em seu peito e usei minha mochila para colocar em suas costas e prender as alças na frente com um mosquetão em mim. Assim ele ficou numa posição melhor e mais confortável para descer.



ainda seus gritos, mais o pior já havia passado.

Desde que montei o meu rapel já estava com o auto-blocante, não o desmontei, nem o freio, em hora nenhuma. Foi assim que desci com ele. Os bombeiros já estavam com uma maca pronta na base daquele diedrinho em móvel à esquerda da base da Reinaldo. Avisei os bombeiros que ele devia estar sem respirar. A partir daí não acompanhei mais o Marcos, descansei por um breve tempo e subi prussicando de volta ao Julio. Ele estava mais fraco, tombado no baudrier. Gritei que estava subindo e que ia descer com ele. Ajudei-o a levantar, ele pediu de novo para descer. Eu disse que estava montando a descida. Com tudo pronto cortei as cordas que o prendiam. Não me recordava estar num pêndulo significativo. Com o peso do Julio no meu baudrier e a pedra molhada (em algum momento em que ajudava o Marcos choveu), nós dois pendulamos descontroladamente para a direita. Me lembro de ter ficado lateralmente com ele escorregando até a corda parar. Vi a faca que estava fechada no meu bolso voar e escutei pessoas exclamando com nosso pêndulo. O Julio ficou bem, apesar dos gemidos. Como ele estava com um fita e um mosquetão passando pelo pescoço-braço, preni seu tronco próximo a mim para descer com ele mais confortável.

Na base ele desceu, literalmente, em cima da maca. Não foi fácil estabilizar ele na maca já que o terreno era inclinado e ele reclamava de dor no pé, no joelho e nas costelas. Ainda foi preciso soltar um pedaço de corda que estava nele, preso ao freio e ao auto-blocante. Os bombeiros o levaram e por algumas vezes ouvi

Da base não conseguia ver o outro escalador (Rodrigo) que estava ainda na metade da parede. Sem saber se ele conseguiria descer de forma segura, subi de novo prussicando. Ele já estava montando o rapel com o que sobrou das cordas e veio até onde eu estava. A chuva havia aumentado. Foi nessa hora que eu soube que haviam outros dois escaladores mais em cima e sem corda. Enquanto nos preparávamos para descer chegou o helicóptero do CGOA e em seguida o dos bombeiros que os retirou.

Muitos me perguntaram se eu vi alguma coisa que pudesse elucidar o que aconteceu. Não vi nada, nem procurei. Eram dois escaladores acidentados e um emaranhado de equipamentos, não quis saber o que aconteceu, não havia tempo.

Que este acidente sirva de alerta para todos nós. Escalada não é futebol. É um esporte de risco. Quando se fala para checar duplamente procedimentos e equipamentos é porque isso pode salvar nossas vidas. Precisamos estar atentos seja escalando, seja rapelando. Lembrem do “climb smart”: sua segurança é sua responsabilidade.

E quanto ao rapel em simultâneo, será que vale a pena? (grifos nossos)

O Júlio está bem, já está em casa.

Abraço,

Flavio Daflon.



Reproduzimos, na seqüência do artigo do Flavio Daflon, autocrítica do João Mollica publicada no Boletim do Centro Excursionista Guanabara, do mês de maio, sobre a importância da verificação dos equipamentos durante os procedimentos de descida.

A IMPORTÂNCIA DA VERIFICAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS DURANTE A DESCIDA

Dia desses fui “fazer” o Wilma Arnaud com a Marie. Até aí, tudo bem. A via é conhecida e subimos sem maiores problemas.

Durante a descida seguíamos os procedimentos padrão: primeiramente armar o auto seguro (ou backup) e depois o aparelho descensor. Na última descida segui o procedimento “corretamente”, porém prendi o meu “magnone” em uma das alças do baudrier para pendurar os mosquetões. Felizmente havia o “auto seguro” para me prender em caso de emergência e a tal alça resistiu ao meu peso.

Ora, qual lição que podemos tirar?

QUE A CHECAGEM E A RECHECAGEM NOS PROCEDIMENTOS DE DESCIDA SÃO FUNDAMENTAIS.

Erros nas descidas podem provocar acidentes graves ou fatais.

Poderia dar como desculpas argumentos de estar cansado, de o lusco fusco não permitir uma boa visão, de ter “pensado” efetuar o procedimento correto e sei lá mais o quê.

A realidade é que errei e errei feio. Tenho algum tempo de estrada e tal falha, entre outras, é imperdoável.

Como não tenho problemas em assumir

os meus erros faço uma autocrítica visando a chamar a atenção de todos, principalmente daqueles mais novos, para os riscos da distração e da displicência.

Abraços e, por favor, **MUITA ATENÇÃO QUANDO FOREM EFETUAR OS PROCEDIMENTOS DE DESCIDA.**

João Mollica, junho de 2008



Marco rapelando Dedo de Deus

HISTÓRIAS DO CERJ

Foi num feriadão nos idos de '78 quando Mottinha, Félix Cabeça de Lata, Tavinho, Carlos Alexandre Hilara e Eu resolvemos ir para o Parque para fazermos o Paredão Paraguaio entre outras atividades.

Na véspera dormimos na sede do Clube – na época era hábito fazer isso – e pela manhã cedo nos dirigimos à Rodoviária.

Quando chegamos em Terezópolis, o Félix, previdente, já comprou as passagens de volta ao Rio, para domingo pela noite.

Entramos no Parque sob chuva e “emburacamos” pela trilha do antigo Abrigo 2 indo pela Passagem da Neblina até o “3”.

Cumpramos ressaltar que naquela época o Parque vivia um estado de abandono já relatado pelo Wal, o que acarretava um processo de destruição das trilhas, felizmente hoje em estado de correção.

Eram atalhos, desmoronamentos, árvores centenárias caídas o que tornava difícil o acesso pela trilha normal, daí a opção pela “Neblina”.

Fomos literalmente envolvidos por Ela.

A Caminhada estava linda apesar das chuvas, ventos e frio.

Chegamos finalmente no Abrigo 3, então recém demolido, e armamos acampamento.

Foi chegar, comer e dormir após termos pedidos aos Céus para a melhora do tempo.

No dia seguinte mais chuva e as esperanças de “fazermos” o Paraguaio se extinguíam.

O jeito foi diversificar.

Fomos ao Sino, Papudo e, principalmente, armamos um brinquedo delicioso no “3”:

Uma Tiroleza!

Foi devidamente presa em uma árvore alta uma corda de onde nos atirávamos presos em um mosquetão, pela cadeirinha (feita com “cordinha de varal”) e nos estabacávamos, felizes, nas árvores mais baixas.

Ficamos nessas atividades – caminhando e nos atirando pela tiroleza - dois dias, alimentados, encharcados, arranhados, porém felizes!

No domingo descemos sem problemas e ficamos na entrada do Parque aguardando o ônibus das 19:00 h para o Rio.

Quando ele veio o Félix acenou mostrando as passagens na mão.

Sem chances: passou direto.

Resultado: Caminhamos sob a grossa chuva até a Rodoviária onde compramos novas passagens e gelados, porém felizes retornamos para o Rio de Janeiro.

Foi uma excursão deliciosa.

Já fazem quase 30 anos, porém as lembranças são vívidas.

João Mollica

ACONTECE NO CERJ

AVISOS

Por razões explicadas anteriormente, o CERJ está criando uma nova lista de e-mails no Yahoo Grupos. A nova lista e a atual vão coexistir até o dia 20 de julho. Após essa data apenas a lista do Yahoo estará em vigor! Não esqueçam!

Todos os participantes da atual lista estão recebendo o convite para a inscrição, é só seguir as orientações. Qualquer dúvida entre em contato com o clube.

Liane Leobons (Dir. Social e Moderadora da cerjlist)

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Em Niterói (RJ) foi fundado o C.N.M. (Clube Niteroiense de Montanhismo), o qual convidou o nosso sócio-fotógrafo "SOBRAL PINTO" para organizar sua "Primeira Exposição Fotográfica" e que será realizada no próximo dia 10 de julho de 2008, no auditório (excelente) do Instituto de Geociências da UFF, localizado no "Campus Gragoatá - Praia Vermelha", ao lado da Faculdade de Engenharia, Ingá, perto das Barcas (Praça Araribóia". O ônibus 47 deixa à porta da Faculdade de Engenharia.

Será a primeira vez que uma Universidade Federal (UFF) expõe uma "Exposição" do nosso SOBRAL"

O tema do encontro será: "O Montanhismo no Rio de Janeiro na metade do século XX" e nesse encontro teremos como "palestrantes" os Srs. André Ilha, Hélio Penha, Gustavo Diniz e Sobral Pinto.

O C.N.M. convida todos os co-irmãos para esse encontro, a fim de que seja feita uma divulgação do nosso esporte na "cidade sorriso" de Niterói (RJ).

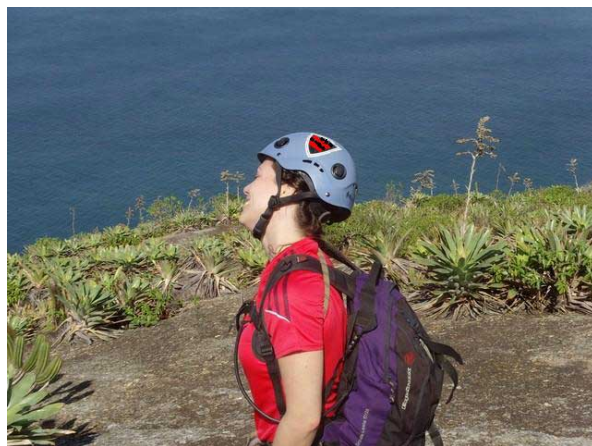
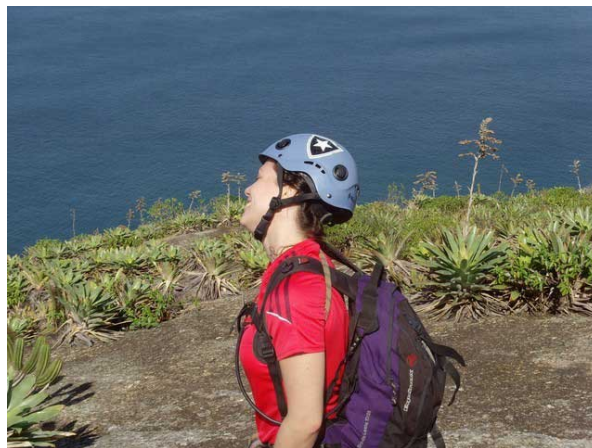
ACONTECEU NO CERJ

No dia 19 de junho o CERJ foi palco para o lançamento do Guia de Escaladas de Niterói do Léo Nobre.

Agradecemos ao Léo por ter escolhido o Cerj e pelo presente oferecido a todos nós Montanhistas com a publicação do tão esperado Guia. Boa Sorte, Léo e Boas Escaladas!

HUMOR na montanha

JOGO DOS 7 ERROS... ERROS?



Resposta: Não há erros! Essa é a Michelle, a mais nova Flamengoista do CERJ!

Não deixe de ver o Jogo em cores. Vá ao site do CERJ, www.cerj.org.br e clique em Boletins no alto da página.

O CERJ EM MAIO



Pão de Açúcar visto do Roda Viva



Centro Excursionista
Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela Lei
640 de 17/11/64 (D.O 01/12/64)

Sede própria: Av. Rio Branco, 277 / 805
Edifício São Borja - 20047-900
Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

Tel: 0 xx 21 2220-3548
www.cerj.org.br
cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:
Quintas-feiras a partir das 20:00 horas

Escaladas
Caminhadas
Cofraternizações
Reflorestamento
Junte-se a nós!